

Palco para ofensiva contra taxa de juros

Na guerra aberta pelo governo para tentar baixar a Selic, Alckmin diz, em evento do BNDES, não haver justificativa para o índice de 13,75%, 8% acima da inflação. Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz afirma que patamar é "chocante"

» VICTOR CORREIA

Na véspera da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) — que começa hoje e vai deliberar sobre manter ou alterar a Selic, a taxa básica de juros —, um evento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) foi palco, ontem, para uma série de críticas ao patamar da taxa, de 13,75%, que o governo tenta reduzir. O vice-presidente da República e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, disse não haver fundamento para o atual valor. Convidado como palestrante, o professor da Universidade de Columbia e vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 2001, Joseph Stiglitz, afirmou que a taxa é "chocante" e equivale a uma "pena de morte".

"Não há nada que justifique ter 8% de juros real acima da inflação quando não há demanda explodindo e, por outro lado, quando o mundo inteiro tem praticamente juros negativos. Mas acreditamos no bom senso e que a gente vá, com a nova ancoragem fiscal, superar essa dificuldade", discursou Alckmin na abertura do evento, no Rio de Janeiro, do qual participaram, também, o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante; a ministra da Gestão e Inovação dos Serviços Públicos, Esther Dweck; e o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Josué Gomes.

Alckmin classificou os juros altos como "um problema", por dificultar o consumo, inibir investimento e aumentar a dívida do governo. Ele aproveitou para exaltar o novo arcabouço fiscal, que o governo prepara. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, vem reforçando que quer anunciar a medida antes da viagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, no próximo sábado.

"Acho que o governo encaminha, nos próximos dias, o projeto de ancoragem fiscal, que vai, também, combinando a curva da dívida: de um lado, superavit; de outro lado, o controle do gasto. Uma medida inteligente, benéfica, que vai trazer bastante segurança na questão fiscal", avaliou Alckmin. Mercadante, por sua vez,

Desestímulo

Joseph Stiglitz argumentou que os juros altos da economia teriam desencorajado investimentos, inclusive os ora necessários para promover uma transição verde na economia, capaz de levar o Brasil da posição de exportador de commodities para uma economia industrial relevante no cenário internacional.

passou o recado de que o BNDES não será um "banco acanhado", como no passado. "Estamos aguardando o novo arcabouço fiscal. O ministro Haddad pode esperar de mim e do banco total lealdade e parceria. Não temos expectativa de substituir ninguém e nem de competir", discursou. "Agora, não nos peçam para deixar de dizer o que pensamos e ajudar o governo a acertar, a encontrar o melhor caminho, a buscar as melhores práticas. Aquele banco acanhado do BNDES acabou. Ele vai debater, investir e impulsionar o crescimento do país."

Em linha com a ofensiva do governo contra a Selic elevada, Joseph Stiglitz se disse surpreso com o fato de o país conseguir se manter economicamente com uma taxa de juros em tão alto patamar. Em sua avaliação, isso só foi possível graças à atuação dos bancos públicos brasileiros. "A taxa de juros de vocês é, de fato, chocante. Uma taxa de 13,75%, ou 8% real, é o tipo de taxa de juros que vai matar qualquer economia. É impressionante que o Brasil tenha sobrevivido a isso, que seria uma pena de morte", ressaltou. "Parte da razão de vocês sobreviverem a essas taxas de juros é que vocês têm bancos estatais, como o BNDES, que têm feito muito com essas taxas de juros, oferecendo fundos a empresas produtivas para investimentos de longo prazo com juros menores."

O americano vê as taxas de juros historicamente altas no Brasil como uma "desvantagem competitiva". Ele frisou que o país teria um **crescimento muito melhor** caso adotasse uma "política monetária mais razoável".

BNDES/Divulgação



Alckmin: "Acho que o governo encaminha, nos próximos dias, o projeto de ancoragem fiscal, que vai, também, combinando a curva da dívida"

Saiba mais

Reprovação ao BC

O prêmio Nobel de Economia Joseph Stiglitz é crítico da política monetária que usa juros para conter inflação sem observar efeitos nocivos sobre investimento. Ele fez, ontem, duras críticas à condução do Banco Central brasileiro nos últimos anos, mas sem mencionar diretamente a autoridade monetária. "Um Banco Central independente e com mandato só para inflação não é o melhor arranjo para o bem-estar do país", reprovou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2